

# As Duas Testemunhas Contra Jerusalém (Ap. 11:1-14)

David Chilton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

1 Foi-me dado um caniço semelhante a uma vara, e também me foi dito: Dispõe-te e mede o santuário de Deus, o seu altar e os que naquele adoram;

2 mas deixa de parte o átrio exterior do santuário e não o meças, porque foi ele dado aos gentios; estes, por quarenta e dois meses, calarão aos pés a cidade santa.

3 Darei às minhas duas testemunhas que profetizem por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco.

4 São estas as duas oliveiras e os dois candeeiros que se acham em pé diante do Senhor da terra.

5 Se alguém pretende causar-lhes dano, sai fogo da sua boca e devora os inimigos; sim, se alguém pretender causar-lhes dano, certamente, deve morrer.

6 Elas têm autoridade para fechar o céu, para que não chova durante os dias em que profetizarem. Têm autoridade também sobre as águas, para convertê-las em sangue, bem como para ferir a terra com toda sorte de flagelos, tantas vezes quantas quiserem.

7 Quando tiverem, então, concluído o testemunho que devem dar, a besta que surge do abismo pelejará contra elas, e as vencerá, e matará,

8 e o seu cadáver ficará estirado na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado.

9 Então, muitos dentre os povos, tribos, línguas e nações contemplam os cadáveres das duas testemunhas, por três dias e meio, e não permitem que esses cadáveres sejam sepultados.

10 Os que habitam sobre a terra se alegram por causa deles, realizarão festas e enviarão presentes uns aos outros, porquanto esses dois profetas atormentaram os que moram sobre a terra.

11 Mas, depois dos três dias e meio, um espírito de vida, vindo da parte de Deus, neles penetrou, e eles se ergueram sobre os pés, e àqueles que os viram sobreveio grande medo;

12 e as duas testemunhas ouviram grande voz vinda do céu, dizendo-lhes: Subi para aqui. E subiram ao céu numa nuvem, e os seus inimigos as contemplaram.

13 Naquela hora, houve grande terremoto, e ruiu a décima parte da cidade, e morreram, nesse terremoto, sete mil pessoas, ao passo que as outras ficaram sobremodo aterrorizadas e deram glória ao Deus do céu.

14 Passou o segundo ai. Eis que, sem demora, vem o terceiro ai.

---

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em dezembro/2006.

**1-2** A S. João é dada a ordem para **medir o Templo de Deus**<sup>2</sup> (literalmente, o **santuário interno** do Templo, o **lugar santo**), o **seu altar e os que naquele adoram**. A imagem é tirada de Ezequiel 40-43, onde o sacerdote angélico mede o Templo ideal, o povo de Deus do Novo Pacto, a Igreja (cf. Marcos 14:58; João 2:19; 1Co. 3:16; Ef. 2:19-22; 1Tm. 3:15; Hb. 3:6; 1Pe. 2:5; Ap. 3:12). R. J. McKelvey explica como a idéia do Templo é interpretada na Carta aos Hebreus: “De acordo com o escritor aos Hebreus, o santuário no céu é o padrão (*típo*), isto é, o original (cf. Ex. 25:8s.), e o da terra usado pelos judeus é uma ‘cópia e sombra’ (Hb. 8:5, RSV). O santuário celestial é, portanto, o verdadeiro santuário (Hb. 9:24). Ele pertence ao povo do novo pacto (Hb. 6:19-20). Além do mais, o fato que Cristo nosso Sumo Sacerdote está nesse santuário significa que nós, embora ainda na terra, já participamos em sua adoração (10:19ss., 12:22ss.). O que é esse Templo? O escritor nos dá uma pista quando diz que o santuário celestial foi purificado (9:23), isto é, tornado adequado para o uso (cf. Nm. 7:1). A assembléia dos primogênitos (Hb. 12:23), isto é, a Igreja triunfante, é o Templo celestial”.<sup>3</sup>

Que esse é o significado de S. João deveria ficar claro a partir do que já vimos, pois muita da ação nesse livro aconteceu ou se originou no santuário interior. Ademais, os que adoram no altar do incenso no Lugar Santo são *sacerdotes* (Ex. 28:43; 29:44): S. João nos disse que somos um reino de sacerdotes (1:6; 5:10; cf. Mt. 27:51; Hb. 10:19-20), e ele nos mostrou o povo de Deus oferecendo suas orações sobre o altar de incenso (5:8; 6:9-10; 8:3-4).

S. João tem que medir o átrio interno, a Igreja, mas ele deve **deixar de parte o átrio exterior do santuário**, e recebe a ordem específica: **E não o meças**. Medir é uma ação simbólica usada na Escritura para “dividir entre o santo e o profano” e assim, indica a proteção divina da destruição (veja Ez. 22:26; 40-43; Zc. 2:1-5; cf. Jr. 10:16; 51:19; Ap. 21:15-16). “Através das Escrituras, os sacerdotes são aqueles que devem medir as dimensões do templo de Deus, sendo o homem com a vara de medir em Ezequiel 40ss o exemplo mais proeminente. Tal mensuração, como o testemunhar, envolve o *ver*; e é a condição para *judgar*; como temos visto nas ações factuais de Deus em Gênesis 1. O aspecto sacerdotal de medir e testificar pode ser visto no fato de se correlacionar com guardar, pois cria e estabelece limites, e dá testemunho com respeito a se esses limites tem sido observados ou não. Poderíamos dizer que a função real tem a ver com encher, e a sacerdotal com separar, a primeira com o cultivo, e a última com o zelo, propriedade e proteção”.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> Nota do tradutor: Versão do autor. A Almeida Corrigida também traz “templo de Deus”.

<sup>3</sup> R. J. McKelvey, “Temple”, em J. D. Douglas, ed., The New Bible Dictionary (William B. Eerdmans Publishing Co., [1962] 1965), p. 1249.

<sup>4</sup> James B. Jordan, “Rebellion, Tyranny, and Dominion in the Book of Genesis”, em Gary North, ed., Tactics of Christian Resistance, Christianity and Civilization No. 3 (Tyler, TX: Geneva Ministries, 1983), p. 42.

Entre o sexto e o sétimo selos, os 144.000 santos do verdadeiro Israel foram protegidos do julgamento vindouro (7:1-8). Essa ação encontra paralelo aqui na medição que S. João faz do átrio interior entre a sexta e a sétima trombeta, que agora protege o Templo verdadeiro do derramamento da ira de Deus. Assim, o átrio exterior (o “átrio dos gentios”) representa o Israel apóstata (cf. Is. 1:12), que deve ser cortado do número do povo fiel do Pacto, a morada de Deus. S. João, como um sacerdote autorizado do Novo Pacto, é ordenado a **deixar de parte** (excomungar) os incrédulos. Esse verbo (*ekballo*) é geralmente usado nos Evangelhos para denotar a expulsão de espíritos maus (cf. Marcos 1:34, 39; 3:15; 6:13); é usado também para a expulsão dos cambistas do Templo por Jesus (Mt. 21:12; Marcos 11:15; João 2:15). Jesus advertiu que o Israel incrédulo como um todo seria lançado fora da Igreja, enquanto os gentios crentes entrariam no Reino e receberiam as bênçãos prometidas à Semente de Abraão:

Respondeu-lhes: Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão. Quando o dono da casa se tiver levantado e fechado a porta, e vós, do lado de fora, começardes a bater, dizendo: Senhor, abrenos a porta, ele vos responderá: Não sei donde sois.

Então, direis: Comíamos e bebíamos na tua presença, e ensinavas em nossas ruas.

Mas ele vos dirá: Não sei donde vós sois; apartai-vos de mim, vós todos os que praticais iniquidades.

Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes, no reino de Deus, Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas, mas vós, lançados fora [*ekballo*]. Muitos virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul e tomarão lugares à mesa no reino de Deus. (Lucas 13:24-29; cf. Mt. 8:11-12)

O Israel incrédulo tinha sido excluído da medição de proteção, **porque foi ele dado aos gentios; estes, por quarenta e dois meses, calçarão aos pés a cidade santa** (veja Lucas 21:24). Deus garante sua proteção para a Igreja, porém Jerusalém foi entregue à destruição. **Quarenta e dois meses** (que é igual a **1.260 dias** e **três anos e meio**) é tomado de Daniel 7:25, onde simboliza um período limitado durante o qual os ímpios são triunfantes; ele fala também de um período de ira e julgamento devido à apostasia, uma lembrança dos três anos e meio de seqüidão entre a primeira aparição de Elias e a derrota de Baal no Monte Carmelo (1 Reis 17-18; cf. Tiago 5:17). Enquanto *sete* é usado para representar totalidade e completude, *três e meio*

parece ser um sete *quebrada* tristeza, morte e destruição (cf. Dn. 9:24; 12:7; Ap. 12:6, 14; 13:5). Os períodos de tempo mencionados na seção das Trombetas são dispostos em forma de quiasmo,<sup>5</sup> outra indicação da sua natureza simbólica:

- A. 11:2 — quarenta e dois meses
- B. 11:3 — mil duzentos e sessenta dias
- C. 11:9 — três dias e meio
- C. 11:11 — três dias e meio
- B. 12:6 — mil duzentos e sessenta dias
- A. 13:5 — quarenta e dois meses

Esse tipo é usado por toda a Bíblia.<sup>6</sup> Em seu Evangelho, S. Mateus deliberadamente faz todo o possível para chamar nossa atenção ao número **quarenta e dois**, dispondo sua lista dos antepassados de Cristo para que totalizem esse número: “De sorte que todas as gerações, desde Abraão até Davi, são catorze; desde Davi até ao exílio na Babilônia, catorze; e desde o exílio na Babilônia até Cristo, catorze” (Mt. 1:17)<sup>7</sup> — dando a soma de quarenta e dois, o número da espera entre a promessa e o cumprimento, desde o cativo até a redenção. Mas agora, em Apocalipse, o tempo foi diminuído: A Igreja não precisa esperar quarenta e duas gerações, mas apenas **quarenta e dois** meses. A mensagem desses versículos, portanto, é que a Igreja será salva através da Tribulação vindoura, durante a qual Jerusalém será destruída por uma invasão dos gentios. O fim desse período significará o pleno estabelecimento do Reino. Assim, a passagem faz paralelo ao Sermão sobre o Monte das Oliveiras (Mt. 24, Marcos 13, Lucas 21), onde Jesus profetiza a destruição de Jerusalém, culminando na invasão romana de 70 d.C.<sup>8</sup>

<sup>5</sup> Nota do tradutor: “Figura de estilo pela qual se repetem palavras invertendo-se-lhes a ordem” (Dicionário Aurélio).

<sup>6</sup> Por exemplo, foi dito a Daniel: “Depois do tempo em que o sacrifício diário for tirado, e posta a abominação desoladora, haverá ainda mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias” (Dn. 12:11-12). Esses números são baseados no período de 430 anos de opressão no Egito (Ex. 12:40) e os 45 anos do cativo até a conquista da Terra (Js. 14:6-10); os símbolos indicam que o período vindouro de opressão, comparado ao daquele no Egito, seria breve (dias em oposição a anos), mas três vezes mais intenso ( $3 \times 430 = 1.290$ ). Aqueles que perseveram na fé, contudo, chegarão ao 1.335º dia de vitória e domínio.

<sup>7</sup> S. Mateus provavelmente escolheu dividir a genealogia em três grupos de catorze para destacar o nome de Davi, que tem um valor numérico de 14 em hebraico. Davi é a figura central na genealogia de Cristo, e Cristo é representado em toda a Escritura como o grande Davi (cf. Atos 2:25-36). Para chegar a esse arranjo simétrico, contudo, S. Mateus pula três gerações entre Jorão e Uzias no v. 8 (Acázias, Joás e Amazias; cf. 2 Reis 8:25; 11:21; 14:1), e conta Jeconias duas vezes no v. 11-12. Agora, S. Mateus não era estúpido: ele poderia adicionar pessoas corretamente (ele tinha sido um coletor de impostos!); além do mais, ele sabia que as genealogias reais estavam disponíveis aos seus leitores. Mas ele escreve seu Evangelho para fornecer uma Cristologia, não uma cronologia. Sua lista é escrita para expor os “quarenta e dois” do período culminando no advento de Cristo, e os “catorzes” do próprio Cristo — tudo revelando o Salvador como “o filho de Davi, o filho de Abraão” (1:1).

<sup>8</sup> Interessantemente, o cerco romano de Jerusalém sob o comando de Vespasiano e Tito durou três anos e meio literais, de 67 a 70 d.C. Mas o ponto principal do termo é seu significado simbólico, que é baseado

**3-4.** Mas antes de Jerusalém ser destruída, S. João ouve um testemunho adicional da sua culpa, um sumário da história apóstata da Cidade, focando-se sobre sua perseguição perene dos profetas. Deus diz a S. João que ele tinha ordenado **duas Testemunhas para profetizar por mil duzentos e sessenta dias**, o número de dias de um período de quarenta e dois meses completos (de trinta dias cada). Esse número, portanto, está relacionado (mas não é idêntico) com os quarenta e dois meses, e continua para expressar os “quarenta” essenciais do período precedente ao pleno estabelecimento do Reino.<sup>9</sup> As Testemunhas estão **vestidas de pano de saco**, a vestimenta tradicional dos profetas desde Elias até João o Batista, simbolizando o luto deles sobre a apostasia nacional (2 Reis 1:8; Is. 20:2; Jo. 3:6; Zc. 13:4; Mt. 3:4; Mc. 1:6). A lei bíblica requeria duas testemunhas (Nm. 35:30; Dt. 17:6; 19:15; Mt. 18:16; cf. Ex. 7:15-25; 8-11; Lucas 10:1); a idéia é um tema abrangente por toda a profecia e o simbolismo bíblico. Uma conclusão preliminar sobre as duas Testemunhas, portanto, é que elas representam a linhagem dos profetas, culminando em João o Batista, que testemunhou contra Jerusalém durante a história de Israel.

As duas Testemunhas são identificadas com as **duas oliveiras e os dois candelabros que se acham em pé diante do Senhor da terra**. Nesse ponto, a imagem se torna muito mais complexa. S. João retorna novamente à profecia de Zacarias sobre o candelabro (Zc. 4:1-5; cf. Ap. 1:4, 13, 20; 4:5). As sete lâmpadas sobre o candelabro estão relacionadas com as duas oliveiras (cf. Sl. 52:8; Jr. 11:16), das quais flui uma incessante corrente de azeite, simbolizando a obra por meio da qual o Espírito enche e capacita os líderes do seu povo do pacto. O significado do símbolo é resumido em Zacarias 4:6: “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos”. A mesma passagem em Zacarias também fala de duas Testemunhas, dois *filhos de azeite* (“os dois ungidos”), que guiam o povo de Deus: Josué o *sacerdote* e Zorobabel o *rei* (Zc. 3-4; cf. Esdras 3, 5-6; Ageu 1-2). Resumindo, então, Zacarias nos fala de uma oliveira/lâmpada complexa que representa os oficiais do pacto: duas figuras-Testemunhas que pertencem à casa e ao sacerdócio real. O Livro de Apocalipse liga todos esses livremente, falando de dois candelabros brilhantes que são duas oliveiras cheias de azeite, que são também duas Testemunhas, um rei e um sacerdote – tudo representando o testemunho profético, inspirado pelo Espírito, do Reino dos sacerdotes (Ex. 19:6). (Como temos visto, um aspecto principal da mensagem de João é que a Igreja do Novo Pacto herda plenamente as promessas como o verdadeiro Reino de sacerdotes, o sacerdócio real no qual “todos os membros

---

em seu uso nos profetas. Como em muitos outros casos, Deus obviamente produz os eventos históricos de uma forma que se harmonize com o simbolismo bíblico do qual ele é o autor.

<sup>9</sup> Para alguns aspectos interessantes do número 1.260 e sua relação com o número da Besta (666), veja os comentários sobre Ap. 13:18.

do povo do SENHOR são profetas”). Que essa Testemunhas são membros do Antigo Pacto, e não do Novo, fica demonstrado, entre outras indicações, pelo fato de vestirem pano de saco – a vestimenta característica da privação do Antigo Pacto, e não da plenitude do Novo Pacto.

**5-6.** S. João fala das duas Testemunhas em termos das duas grandes testemunhas do Antigo Testamento, Moisés e Elias – a Lei e os Profetas. **Se alguém pretende causar-lhes dano, sai fogo da sua boca e devora os inimigos.** Em Números 16:35, saiu fogo do céu à palavra de Moisés e consumiu aos falsos adoradores que tinham se rebelado contra ele; e, similarmente, saiu fogo do céu e consumiu os inimigos de Elias quando ele pronunciou a palavra (2 Reis 1:9-12). Isso se torna um símbolo padrão para o poder da Palavra profética, como se o fogo saísse realmente das bocas das Testemunhas de Deus. Como o Senhor disse a Jeremias: “Eis que converterei em fogo as minhas palavras na tua boca e a este povo, em lenha, e eles serão consumidos” (Jr. 5:14).

Estendendo a imagem, S. João diz que as Testemunhas tinham **autoridade para fechar o céu, para que não chova durante os dias em que profetizarem**, isto é, durante os mil duzentos e sessenta dias (três anos e meio) – a mesma duração da seca causada por Elias em 1 Reis 17 (veja Lucas 4:25; Tiago 5:17). Como Moisés (Ex. 7-13), as Testemunhas **têm autoridade também sobre as águas, para convertê-las em sangue, bem como para ferir a terra com toda sorte de flagelos, tantas vezes quantas quiserem.**

Essas duas figuras proféticas apontam além de si mesmas, para o Grande Profeta, Jesus Cristo. A última mensagem do Antigo Testamento menciona as duas numa profecia sobre o Advento de Cristo: “Lembrai-vos da Lei de Moisés, meu servo... Eis que eu vos enviarei o profeta Elias...” (Malaquias 4:4-5). Malaquias continua e declara que o ministério de Elias seria recapitulado na vida de João o Batista (Mt. 4:5-6; cf. Mt. 11:14; 17:10-13; Lucas 1:15-17). Mas João, como Elias, era somente um Precursor, preparando o caminho para aquele que viria após ele, o Primogênito, que teria uma porção dobrada – ou melhor, sem medida – do Espírito (cf. Dt. 21:17; 2 Reis 2:9; João 3:27-34). E, como Moisés, João Batista foi sucedido por um Joshua, Jesus o Conquistador, que poria o povo do pacto em posse de sua herança prometida. As duas Testemunhas, portanto, resumem todas as testemunhas do Antigo Pacto, culminando no testemunho de João.

**7.** Agora o cenário muda: As Testemunhas são – aparentemente – derrotadas e destruídas. **Quando tiverem, então, concluído o testemunho que devem dar, a besta que surge do abismo pelejará contra elas, e as vencerá, e matará.** Essa é a primeira menção da Besta neste livro, mas S. João certamente parece esperar que seus leitores entendam sua referência. De fato,

o tema da Besta é familiar na história bíblica. No princípio somos informados de como Adão e Eva recusaram se tornar “deuses” através da submissão a Deus,<sup>10</sup> e em vez disso buscaram a divindade autônoma e final. Ao se submeterem a uma besta (a Serpente), eles se tornaram “bestas” ao invés de deuses, com a marca da rebelião da Besta estampada em suas frentes (Gn. 3:19); mesmo na redenção eles permanecem vestidos com peles de bestas (Gn. 3:21).<sup>11</sup> Um quadro posterior da Queda é demonstrado na queda de Nabucodonosor, que era, como Adão, “rei de reis, a quem o Deus do céu conferiu o reino, o poder, a força e a glória” (Dn. 2:37). Todavia, por causa do seu orgulho, e por ter buscado uma divindade autônoma, ele foi julgado: “E foi expulso de entre os homens e passou a comer erva como os bois, o seu corpo foi molhado do orvalho do céu, até que lhe cresceram os cabelos como as penas da águia, e as suas unhas, como as das aves” (Dn. 4:33). A rebelião do homem contra Deus é refletida também na rebelião das bestas contra o homem; assim, os ímpios perseguidores de Cristo na crucificação são chamados de “cães” e “tours de Basã”, e são comparados a um “leão que despedaça e ruge” (Sl. 22:12-13, 16).

Outra imagem da “bestialidade” da rebelião estava contida nos requisitos sacrificiais/dietéticos do Antigo Pacto contra animais “impuros”, como James Jordan observa: “Todos os animais impuros *se parecem com a serpente* de três maneiras. Comem ‘porcaria’ (carne morta, estrume, lixo). Se movem em contato com a ‘terra’ (se arrastam sobre o seu ventre, tocam o solo com a parte carnosa das suas patas, não possuem escamas para evitar que seu

---

<sup>10</sup> A doutrina cristã da deificação (cf. Sl. 82:6; João 10:34-36; Rm. 8:29-30; Ef. 4:13, 24; Hb. 2:10-13; 12:9-10; 2Pe. 1:4; 1 João 3:2) é geralmente conhecida nas igrejas ocidentais pelos termos santificação e glorificação, referindo-se à herança plena do homem da imagem de Deus. Essa doutrina (que não tem absolutamente nada em comum com as teorias realistas pagãs da continuidade do ser, nem com as noções humanistas sobre a “centelha de divindade” no homem ou as fábulas politeístas dos Mórmons com respeito à evolução humana em direção à divindade) é universal através dos escritos dos Pais da Igreja; veja, e.g., Georgios I. Mantzaridis, *The Deification of Man: St. Gregory Palomas and the Orthodox Tradition*, Liadain Sherrard, trans. (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1984). S. Atanásio escreveu: “O Verbo não é de coisas criadas, mas é ele mesmo o Criador. Assim, portanto, ele assumiu um corpo humano criado, que, tendo renovado-o como seu Criador, ele poderia deificá-lo em si mesmo, e assim nos trazer para o Reino do céu por meio de nossa semelhança a ele. Pois o homem não teria sido deificado se tivesse estado unido a uma criatura, ou a menos que o Filho fosse o próprio Deus; nem o homem teria sido trazido à presença do Pai, a menos que ele tivesse sido seu Verbo natural e verdadeiro que se vestiu de um corpo. E como nós não teríamos sido libertos do pecado e da maldição, se a carne assumida pelo Verbo não tivesse sido uma de natureza humana (porque não teríamos nada em comum com aquilo que é alheio a nós); assim também, a humanidade não teria sido deificada, se o Verbo que se tornou carne não tivesse sido por natureza derivado do Pai e verdadeiro e apropriado a ele. Porque, portanto, a união foi desse tipo, que ele poderia unir o que é humano por natureza a ele que naturalmente pertence à Deidade, que sua salvação e deificação pode ser certa” (*Orations Against the Arians*, ii.70). Ele coloca isso ainda mais sucintamente numa famosa declaração de sua obra clássica *Sobre a Encarnação da Palavra de Deus* (54): “O Verbo se fez homem para que pudéssemos ser feitos deuses”.

<sup>11</sup> Representando a imagem restaurada de Deus, os sacerdotes se vestiam de vegetais (linho) ao invés de animais (lã); eles eram proibidos de usar peles de bestas, porque produzia suor (Ez. 44:17-18; cf. Gn. 3:19). Sobre “divindade judicial” e a vestimenta de Adão e Eva com peles, veja James B. Jordan, “Rebellion, Tyranny, and Dominion in the Book of Genesis”, in Gary North, ed., *Christianity and Civilization 3* (1983): *Tactics of Christian Resistance*, pp. 43-47.

pé entre em contato com ambientes úmidos). Elas se revoltam contra o domínio humano, matando a homens e a outras bestas. Sob o simbolismo do Antigo Pacto, tais bestas satânicas representam as nações Satânicas (Lv. 20:22-26), pois os animais são ‘imagens’ dos homens.<sup>12</sup> Comer animais Satânicos, no Antigo Pacto, era ‘comer’ o estilo de vida Satânico, ‘comer’ morte e rebelião”.<sup>13</sup>

Assim, o inimigo de Deus e da Igreja é sempre a **Besta**, em suas várias manifestações históricas. Os profetas freqüentemente falavam dos Estados pagãos com bestas terríveis que faziam guerra contra o povo do Pacto (Sl. 87:4; 89:10; Is. 51:9; Dn. 7:3-8, 16-25). Tudo isso ficará reunido na descrição que João faz de Roma e do Israel apóstata em Apocalipse 13. Todavia, devemos lembrar que esses poderes perseguidores eram simplesmente as manifestações imediatas do antigo inimigo da Igreja – o Dragão, que é apresentado formalmente em 12:3,<sup>14</sup> mas que era bem conhecido por qualquer pessoa versada na Bíblia na audiência de João. Os cristãos já conheciam a identidade final da Besta que sobe do **Abismo**. Ela é o Leviatã, o Dragão, a antiga Serpente, que sai de sua prisão no mar repetidamente para castigar o povo de Deus. O Abismo, as profundezas obscuras e furiosas, é onde Satanás e os seus espíritos maus estão aprisionados, exceto por alguns períodos em que são soltos para que atormentem aos homens quando cometem apostasia.<sup>15</sup> (Note-se que a legião de espíritos maus, no incidente do endemoninhado gadareno, rogou para que não eles não fossem enviados ao Abismo; com divino engano, Jesus lhes enviou para uma manada de porcos, e estes se precipitaram no mar: Lucas 8:31-33). A perseguição do povo do Pacto nunca é meramente uma competição “política”, a despeito de como os Estados perversos tentam colorir suas ações ímpias. Elas sempre se originam nas profundezas do inferno.

Através da história da redenção, a Besta tem feito guerra contra a Igreja, particularmente contra suas testemunhas proféticas. O exemplo final desse período do Antigo Pacto é a guerra de Herodes contra João o Precursor, a quem ele prendeu e matou (Marcos 6:14-29); e a culminação dessa guerra contra os profetas foi o assassinato de Cristo, o Profeta final, de quem todos os profetas eram imagens, e de quem deram testemunho. Cristo foi crucificado pela colaboração de Roma e as autoridades judaicas, e essa

<sup>12</sup> Cf. Pv. 6:6; 26:11; 30:15, 19, 24-31; Dn. 5:21; Ex. 13:2, 13.

<sup>13</sup> James B. Jordan, *The Law of the Covenant: An Exposition of Exodus 21-23* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1984), p. 122.

<sup>14</sup> Estreitamente relacionada com a doutrina bíblica da Besta está a “teologia dos dinossauros”; para isso, veja meus comentários sobre Ap. 12:3.

<sup>15</sup> Veja o comentário sobre Ap. 9:1-6.

parceria continuou por toda a história da Igreja primitiva (veja Atos 17:5-8; 1Ts. 2:14-17).<sup>16</sup>

**8-10 O cadáver das Testemunhas do Antigo Pacto**, “desde o justo Abel até Zacarias” (Mt. 23:35) jazem metaforicamente **na praça da grande cidade que, espiritualmente** [isto é, pela revelação do Espírito Santo], **se chama Sodoma e Egito**. Essa Cidade é, sem dúvida, Jerusalém; S. João explica que foi ali **onde também o seu Senhor foi crucificado** (sobre Israel como Sodoma, veja Dt. 29:22-28; 32:32; Is. 1:10, 21; 3:9; Jr. 23:14; Ez. 16:46). Geralmente, os comentaristas são incapazes de encontrar referências na Bíblia comparando Israel (ou Jerusalém) com o Egito, mas esse é o antigo problema de não ser capaz de ver a floresta por causa das árvores. A prova está contida em toda a mensagem do Novo Testamento. Jesus é constantemente considerado como o novo Moisés (Atos 3:20-23; Hb. 3-4), o novo Israel (Mt. 2:15), o novo Templo (João 1:14; 2:19-21), e de fato uma recapitulação/transcendência da história inteira do Êxodo (cf. 1Co. 10:1-4).<sup>17</sup> Sobre o Monte da Transfiguração (Lucas 9:31), ele falou com *Moisés e Elias* (outra conexão com essa passagem), chamando sua morte vindoura e ressurreição em Jerusalém de um “*Êxodo*” (a palavra grega na passagem é *exodon*). Seguindo tudo isso está a própria linguagem do Apocalipse, que fala das pragas do Egito sendo derramadas sobre Israel (8:6-12; 16:2-12). A guerra das Testemunhas com o Israel apóstata e os Estados pagãos é descrita nos mesmos termos do Êxodo original do Egito (cf. também a nuvem e a coluna de fogo em 10:1). Jerusalém, a cidade uma vez santa e agora apóstata, se transformou na opressora pagã e perversa do verdadeiro povo do Pacto, unindo-se à Besta ao atacá-los e matá-los. É Jerusalém a que é culpada do sangue das Testemunhas do Antigo Pacto; ela é, *por excelência*, a assassina dos profetas (Mt. 21:33-43; 23:34-38). De fato, disse Jesus, “não se espera que um profeta morra fora de Jerusalém” (Lucas 13:33).

Com a morte das Testemunhas, sua voz de condenação é silenciada, e agora aqueles **dentre os povos, tribos, línguas e nações** consideram a própria Igreja como morta, mostrando abertamente seu desprezo pelo povo de Deus, cujos **cadáveres permanecem na praça sem ser enterrados**, sob uma maldição aparente, pois tais pessoas **não permitem que esses cadáveres sejam sepultados** (cf. 1 Reis 13:20-22; Jr. 8:1-2; 14:16; 16:3-4). O desejo de entrar na Terra Prometida na morte era uma preocupação central das Testemunhas fiéis do Antigo Pacto, como garantia de sua ressurreição

<sup>16</sup> A tentativa da Besta de apagar o testemunho das testemunhas de Deus levou no final ao seu ataque sobre a terra de Israel, o lugar de nascimento da Igreja; Tito supôs que poderia destruir o Cristianismo destruindo o Templo em 70 d.C. (veja sobre 17:14). O motivo religioso central por detrás da guerra romana contra os judeus era seu ódio profundamente arraigado contra a Igreja Cristã.

<sup>17</sup> A evidência é muito extensiva para repetirmos aqui, mas veja Meredith G. Kline, *The Structure of Biblical Authority* (Eerdmans, 2nd ed., 1975), pp. 183-95; veja também Robert D. Brinsmead, *The Pattern of Redemptive History* (Fallbrook, CA: Verdict Publications, 1979), pp. 23-33.

futura (Gn. 23; 47:29-31; 49:28-33; 50:1-14, 24-26; Ex. 13:19; Js. 24:32; 1Sm. 31:7-13; Atos 7:15-16; Hb. 11:22). A opressão do Reino de sacerdotes pelos pagãos era frequentemente expressa nesses termos:

Ó Deus, as nações invadiram a tua herança,  
 profanaram o teu santo templo,  
 reduziram Jerusalém a um montão de ruínas.  
 Deram os cadáveres dos teus servos por cibo às aves dos céus  
 e a carne dos teus santos, às feras da terra.  
 Derramaram como água o sangue deles ao redor de  
 Jerusalém,  
 e não houve quem lhes desse sepultura. (Sl. 79:1-3)

A ironia, contudo, é que agora são os que habitam na Terra – os próprios judeus (cf. 3:10) – que se unem com as nações pagãs para oprimir os justos. Os apóstatas de Israel **se alegram por causa deles, realizarão festas e enviarão presentes uns aos outros, porquanto esses dois profetas atormentaram os que moram sobre a terra** (cf. a festa de Herodes, durante a qual João foi aprisionado e então decapitado: Mt. 14:3-12). O preço da paz do mundo era a aniquilação das Testemunhas proféticas; Israel e o mundo pagão se uniram em sua exultação perversa pela destruição dos profetas, cujo duplo testemunho fiel tinha atormentado aos desobedientes com a convicção de pecado, levando-os a cometer assassinato (cf. Gn. 4:3-8; 1 João 3:11-12; Atos 7:54-60). Os inimigos naturais foram reconciliados uns com os outros através de sua participação conjunta no assassinato dos profetas. Isso foi especialmente verdadeiro no assassinato deles de Cristo: “Naquele mesmo dia, Herodes e Pilatos se reconciliaram, pois, antes, viviam inimizados um com o outro” (Lucas 23:12). Na morte de Cristo, toda a classe de pessoas se regozijou e zombou: os governantes, os sacerdotes, as facções religiosas que competiam entre si, os soldados romanos, os servos, os criminosos; todos se uniram na celebração de sua morte (cf. Mt. 27:27-31, 39-44; Marcos 15:29-32; Lucas 22:63-65; 23:8-12, 35-39); todos se puseram ao lado da Besta contra o Cordeiro (João 19:15). A tentativa de destruir as Testemunhas parecia bem sucedida, não somente em silenciar profetas individuais, mas em abolir o Testemunho do próprio Pacto. A guerra progressiva contra a Palavra alcançou seu clímax com o assassinato de Cristo; esse foi o crime final que trouxe a destruição de Jerusalém. Moisés tinha instruído o povo de Israel sobre o Profeta vindouro, advertindo-os que eles seriam amaldiçoados se recusassem ouvi-lo (Dt. 18:15-19); o mártir Estevão citou essa profecia (Atos 7:37), e concluiu:

Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos,  
 vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais,  
 também vós o fazeis. Qual dos profetas vossos pais não

perseguraram? Eles mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo, do qual vós agora vos tornastes traidores e assassinos! (Atos 7:51-52)

Por ora, os perseguidores eram vitoriosos, e se alegraram por **três dias e meio**. Isso não é mais literal que as figuras anteriores de 42 meses e 1.260 dias. Como observamos, “três e meio” representa um sete partido ao meio, um período de tristeza e opressão. Em cada seção do Apocalipse, as imagens de S. João harmonizam-se umas com as outras: os selos dos julgamentos estão numa *série de quatro*, os julgamentos das trombetas numa *série de três*, e os números nos capítulos 11-13 correspondem ao *três e meio* (42 meses e 1.260 dias são iguais a três anos e meio). A simetria poética de S. João continua esse simbolismo: Os dias durante os quais os justos são oprimidos, seus corpos maltratados, é um período de *três e meio*, um tempo de tristeza, quando os ímpios estão triunfantes. Todavia, o tempo mau é breve, sendo limitado a um mero três **dias e meio**. Assim, as várias linhas de imagens convergem aqui; e S. João tem mantido o período em concordância geral com os três dias da descida de Cristo ao inferno. Em sua morte, a comunidade inteira do Pacto e seu Testemunho permanecem mortos na praça de Jerusalém, sob a Maldição.

**11-12 Depois dos três dias e meio**, as Testemunhas são ressuscitadas: **Um espírito de vida, vindo da parte de Deus, neles penetrou**, na Nova Criação (cf. Gn. 2:7; Ez. 37:1-14; João 20:22) e **eles se ergueram sobre os pés** (cf. Atos 7:55), causando terror e consternação aos seus inimigos. **E àqueles que os viram sobreveio grande medo** (cf. Atos 2:43; 5:5; 19:17; contraste João 7:13; 12:42; 19:38; 20:19), e com boa razão: Por meio da ressurreição de Cristo, a Igreja e seu Testemunho tornaram-se invencíveis, impossíveis de serem detidas. Na união com Cristo e sua Ascensão à glória (Ef. 2:6), eles **subiram ao céu numa nuvem, e os seus inimigos as contemplaram**.<sup>18</sup> As Testemunhas não sobreviveram às perseguições; elas morreram. Mas na ressurreição de Cristo elas se levantaram para o poder e domínio que existia não por poder, nem por força, mas pelo Espírito de Deus, o próprio sopro de vida de Deus. “Não somos os senhores da história e não controlamos seus resultados, mas temos certeza que existe um senhor da história e que ele controla seus resultados. Precisamos de uma interpretação teológica do desastre, uma interpretação que reconhece que Deus age em eventos tais como cativerios, derrotas e crucificações. A Bíblia pode ser interpretada como uma série de triunfos de Deus disfarçados como desastres”.<sup>19</sup>

<sup>18</sup> Isso mostra certa similaridade com a experiência de Elias, sendo a maior diferença que foi o seu amigo, e não seus inimigos, que viu sua ascensão (2 Reis 2:9-14).

<sup>19</sup> Herbert Schlossberg, *Idols for Destruction: Christian Faith and Its Confrontation with American Society* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1983), p. 304.

S. João traça um paralelo importante aqui que não deve ser ignorado, pois está perto do cerne do significado da passagem. A ascensão das Testemunhas é descrita na mesma linguagem que a ascensão do próprio S. João:

4:1 Depois destas coisas, olhei, e eis não somente uma porta aberta no céu, como também a primeira voz que ouvi, como de trombeta ao falar comigo, dizendo: Sobe para aqui...

11:11-12 Mas, depois dos três dias e meio... as duas testemunhas ouviram grande voz vinda do céu, dizendo-lhes: Subi para aqui...

A história das Duas Testemunhas é, portanto, a história da Igreja que testifica, que recebeu o mandamento divino para **subir aqui** e ascendeu com Cristo à Nuvem no céu, ao Trono (Ef. 1:20-22; 2:6; Hb. 12:22-24): Ela possui agora uma autorização imperial para exercer controle sobre os confins da terra, disciplinando as nações à obediência da fé (Mt. 28:18-20; Rm. 1:5).

13-14 Um dos resultados da ascensão de Cristo, como ele predisse, seria o dia do julgamento para o Israel apóstata, o sacudir do céu e da terra. A Escritura conecta como um só Evento teológico – o Advento – o nascimento de Cristo, sua vida, morte, ressurreição, ascensão, o derramamento do seu Espírito sobre a Igreja em 30 d.C. e o derramamento da sua ira sobre Israel no Holocausto de 66-70 d.C.: Assim, **naquela hora, houve grande terremoto** (cf. Ap. 6:12; Ez. 38:19-20; Ageu 2:6-7; Zc. 14:5; Mt. 27:51-53; Hb. 12:26-28). Porque o triunfo de Cristo significa a derrota dos seus inimigos, **ruiu a décima parte da cidade**. Na realidade, a Cidade inteira de Jerusalém caiu em 70 d.C.; mas, como temos visto, as trombetas dos julgamentos não tinham chegado ao fim definitivo de Jerusalém, mas (aparentemente) chegavam somente ao primeiro cerco de Jerusalém, sob Céstio. Em conformidade com a natureza da Trombeta como um alarme, o fato de Deus tomar um “dízimo” de Jerusalém no primeiro cerco era uma advertência para a Cidade.

Por razões claramente simbólicas, bíblicas e teológicas, S. João nos diz que **sete mil pessoas morreram** no terremoto. No final das contas, o terremoto e o sacudir do céu causado pelo Novo Pacto matou muito mais que sete mil pessoas. Porém, o número representa o reverso exato da situação nos dias de Elias. Em 1 Reis 19:18, Deus disse a Elias que 7.000 em Israel permaneceram fiéis ao pacto. Mesmo então, esse era mais provavelmente um número simbólico, indicando a *completude* (sete) multiplicada por *muitos* (mil). Em outras palavras, Elias não deveria ser desencorajado, pois ele não estava sozinho. Os justos eleitos de Deus eram inúmeros, e todos eles estavam presentes e contabilizados. Por outro lado, contudo, eles estavam em minoria.

Mas agora, no Novo Pacto, a situação se inverte. Os Elias dos últimos dias, as testemunhas fiéis na Igreja, não devem desanimar quando parece que Deus está destruindo todo o Israel, e os fiéis são poucos em número. Dessa vez são os apóstatas, os adoradores de Baal, que são os “sete mil em Israel”. As mesas foram viradas. No Antigo Testamento, existem apenas “7.000” fiéis; no Novo Testamento, apenas “7.000” são ímpios. Eles são destruídos, e o restante – a maioria esmagadora – são convertidos e salvos: **ao passo que as outras ficaram sobremodo aterrorizadas e deram glória ao Deus do céu**, que é a linguagem bíblica para conversão e fé (cf. Js. 7:19; Is. 26:9; 42:12; Jr. 13:16; Mt. 5:16; Lucas 17:15-19; 18:43; 1Pe. 2:12; Ap. 14:7; 15:4; 16:9; 19:7; 21:24). A tendência na era do Novo Pacto é *juízo para salvação*.

S. João termina a seção da Sexta Trombeta com estas palavras: **Passou o segundo ai. Eis que, sem demora, vem o terceiro ai**. S. João não nos diz explicitamente quando o Terceiro Ai chega. Visto que o Primeiro e o Segundo Ais referem-se às advertências que Israel recebeu no ataque demoníaco em grande escala sobre a Terra (9:1-12) e na primeira invasão romana sob o comando de Céstio (9:13-21), é possível tomar o Terceiro Ai como a própria Queda de Jerusalém; seis Ais (em três pares) são listados em rápida sucessão em 18:10, 16, 19. Contudo, está mais de acordo com a estrutura literária de João ver o Terceiro Ai como uma consequência da Sétima Trombeta (assim como o Primeiro e o Segundo Ais correspondem à Primeira e Sexta Trombetas: cf. 8:13; 9:12); o Ai é declarado em 12:12, após a derrota do Dragão por Miguel, e continua até o fim do capítulo 14, mostrando a “grande ira” do Dragão durante seu “breve tempo” de domínio.

**Fonte: *The Days of Vengeance*,  
David Chilton, p. 271-286.**